



BARBARA
WEINSTEIN

A COR DA MODERNIDADE
A BRANQUITUDE E A FORMAÇÃO
DA IDENTIDADE PAULISTA



edusp 60 anos

Não podia ser mais feliz a coincidência (ou a sincronia) de finalmente termos em mãos a obra de Barbara Weinstein no ano em que comemoramos o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922. Modernidade, progresso, regionalismo e identidade nacional são temas renovados com maestria pela autora. Trata-se de um livro ambicioso e muito bem fundamentado, que revê a interpretação da formação regional paulista, sugerindo que as questões de raça (e também de gênero) se encontram no cerne da construção de uma identidade que se tem como branca, viril, afeita ao progresso e à modernidade.

Tomando como base dois momentos marcantes – a Revolução Constitucionalista de 1932 e o IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo em 1954 –, *A Cor da Modernidade* apresenta uma nova visão da integração de São Paulo na nação, denunciando a exclusão de negros e mulheres do protagonismo histórico. Ao se voltar à análise do encaixe de São Paulo na nação, o livro aborda também a construção da identidade nacional com base nas identidades regionais.

Maria Helena P. T. Machado
Professora titular da FFLCH-USP

Com uma pesquisa abrangente e inovadora, Barbara Weinstein mostra como a orgulhosa identidade regional paulista tem cor. Nesta obra, ela detalha como a imagem de sucesso, empreendedorismo e superioridade largamente cultivada pelas elites paulistas e disseminada entre a população do estado foi historicamente construída e ancorada em distinções de raça, gênero e classe.

A “modernidade paulista” só pode ser compreendida à luz de um processo de racialização que vinculou o progresso econômico da região à branquitude. Assim foi construído um poderoso discurso de superioridade racial, social e cultural dos paulistas em relação ao restante do país e, em especial, ao Nordeste, visto como sinônimo de um atraso intrinsecamente conectado à sua população negra, indígena e mestiça.

A Cor da Modernidade é, desde já, um livro imprescindível para a compreensão da história do Brasil no século xx. E, de quebra, nos ajuda a refletir por que a estátua do bandeirante Borba Gato foi recentemente incendiada...

Paulo Fontes
Professor do Instituto de História da Universidade
Federal do Rio de Janeiro (IH/UFRJ)



A COR DA
MODERNIDADE

A BRANQUITUDE E A FORMAÇÃO
DA IDENTIDADE PAULISTA

BARBARA WEINSTEIN

Neste excelente livro, Barbara Weinstein se propõe analisar a rebelião paulista de 1932 em São Paulo, que ficou conhecida como Revolução Constitucionalista, e suas representações nas comemorações do IV Centenário da fundação da cidade, em 1954. O elo que une os dois acontecimentos passa pela interpretação da intensidade do sentimento regional e da construção da identidade paulista.

Entretanto, seu trabalho não se limita às fronteiras de São Paulo. Com densidade e rigor teóricos, a autora se debruça sobre conceitos e problemas centrais para a compreensão da história do Brasil do século xx: nação e região, identidade, branquitude, raça, gênero, modernidade e progresso. Por meio de extensa pesquisa de fontes, aliada ao diálogo com uma abrangente historiografia, Weinstein revisita temas consagrados da produção historiográfica brasileira, lançando novas e inquietantes questões sobre eles.

Partindo do suposto de que as ideias de região e nação não podem ser analisadas separadamente, defende a tese de que os discursos da modernidade baseados em raça, classe e gênero produzem desigualdades materiais, políticas e culturais, que são associadas a um determinado espaço geográfico identificado como uma região.

No caso da identidade regional paulista, a historiadora demonstra que uma categoria racializada – a branquitude – foi utilizada para indicar características “inatas” ou “naturais” de São Paulo, com o objetivo de explicar sua superioridade em relação às demais regiões brasileiras, em particular o Nordeste. Foram construídas representações da identidade paulista como o lugar “da modernidade e do progresso” – alicerçadas no enorme sucesso econômico de São Paulo – em oposição às imagens “da pobreza e do atraso” do Nordeste, onde imperariam “a desordem e a miséria”.

Li este livro de Barbara Weinstein com imenso interesse e prazer. A refinada e inovadora análise, em que não há lugar para respostas simples ou reducionistas, faz deste texto uma referência historiográfica obrigatória. Ênfase finalmente que, ao estudar o passado, as reflexões da autora abrem novos horizontes para uma compreensão crítica da história do Brasil atual.

Maria Lígia Coelho Prado
Professora emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)